



TRABALHO REMOTO E O RETORNO À PRESENCIALIDADE: VIVÊNCIAS DE PROFESSORAS NA PANDEMIA COVID-19¹

Remote teaching and the return to presentiality: experiences of teachers in the Covid-19 pandemic

MÜLLER, Geovana²

GIONGO, Carmem Regina³

PEREZ, Karine Vanessa⁴

RIBEIRO, Bruno Chapadeiro⁵

RESUMO

Este estudo teve como objetivo analisar as transformações provocadas pela pandemia de Covid-19 no trabalho de professoras que atuam na educação básica no Brasil, além de investigar os agravos na saúde mental das participantes e as dificuldades encontradas no retorno ao ensino presencial. Trata-se de uma pesquisa de metodologia mista com abordagem exploratória-descritiva. Na primeira fase da coleta, participaram 913 professoras mulheres, que atuavam na educação básica em diferentes estados do Brasil. Na segunda fase, participaram 8 professoras que atuavam na educação básica do Rio Grande do Sul. Os instrumentos utilizados foram um questionário, aplicado entre junho e outubro de 2021, e um grupo focal, realizado em agosto de 2022. Ambos os instrumentos foram aplicados em formato online através das plataformas *Google Forms* e *Google Meet*. Os dados foram analisados por meio de estatística simples e análise temática. Os resultados apontaram que no período da pandemia as profissionais vivenciaram uma intensificação das demandas de trabalho, além do aumento das atividades domésticas. No que se refere ao retorno ao ensino presencial, foram identificados fatores relacionados ao desânimo e frustração, em função da falta de acolhimento e das cobranças excessivas. Concluiu-se que a intensificação da precarização das condições e dos processos laborais durante a pandemia e no retorno à presencialidade geraram desgaste mental e sofrimento psíquico nas professoras.

Palavras-chave: COVID-19. Saúde mental. Professores. Ensino online.

¹ O estudo não foi apresentado ou publicado em encontros e/ou outros eventos científicos. A pesquisa passou pela avaliação e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (COEP). O artigo é resultado de uma pesquisa maior intitulada "As transformações provocadas pela pandemia do novo coronavírus no trabalho e na saúde mental dos docentes" e não recebeu apoio de órgãos de financiamento/fomento.

² Currículo/biografia resumida: Estudante do curso de Psicologia da Universidade Feevale. E-mail: geovana.muller17@gmail.com.

³ Doutora e pós-doutora em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Mestre em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Graduação em Psicologia pela Universidade Feevale. Professora e pesquisadora no curso de Mestrado em Psicologia da Universidade Feevale. E-mail: ca.aiesec@gmail.com.

⁴ Pós-Doutoranda na Université du Québec à Montréal, Doutora em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Mestre em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Graduação em Psicologia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina. Professora no curso de Mestrado em Psicologia na Universidade de Santa Cruz do Sul. E-mail: karinevanessaperez@gmail.com.

⁵ Pós-doutor em Saúde Coletiva na Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo, Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Graduação em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professor na Universidade Federal Fluminense. E-mail: brunochapadeiro@id.uff.br

ABSTRACT

This study aimed to analyze the transformations caused by the Covid-19 pandemic in the work of female teachers working in basic education in Brazil, as well as to investigate the impact on the mental health of the participants and the difficulties encountered in returning to classroom teaching. It is a research of mixed methodology with an exploratory-descriptive approach. In the first phase of the data collection, 913 female teachers, who worked in basic education in different states of Brazil, participated. In the second phase, 8 female teachers working in basic education in Rio Grande do Sul participated. The instruments used were a questionnaire, applied between June and October 2021, and a focus group, held in August 2022. Both instruments were applied in online format through Google Forms and Google Meet platforms. Data were analyzed using simple statistics and thematic analysis. The results pointed out that during the pandemic period the professionals experienced an intensification of work demands, in addition to an increase in domestic activities. Regarding the return to teaching face-to-face, factors related to discouragement and frustration were identified, in due to the lack of reception and excessive charges. It was concluded that the intensification of the precarization of working conditions and processes during the pandemic and upon returning to the classroom generated mental exhaustion and psychological suffering in the female teachers.

Keywords: COVID-19. Mental health. Faculty. Online Education.

INTRODUÇÃO

Na pandemia de Covid-19 o mundo do trabalho sofreu grandes transformações e foi afetado por aspectos relacionados à redução de salários e dos direitos trabalhistas, diminuição dos postos de trabalho, perda de empregos, mudanças nos processos laborais, adoção de medidas de biossegurança, aumento dos riscos de adoecimento e morte dos trabalhadores e trabalhadoras, intensificação da precarização do trabalho, entre outros fatores que influenciaram diretamente a vida pessoal, social e econômica de milhares de pessoas (Giacomello et al, 2022; Giongo; Perez; Ribeiro, 2021; Souza, 2021). Alguns segmentos tiveram considerável intensificação do trabalho, como foi o caso dos profissionais da educação, que se depararam com a necessidade de adequar as atividades educacionais ao ambiente doméstico (Bridi, 2020), sem as devidas condições ergonômicas, físicas e de suporte social e institucional.

Neste contexto, o impacto do distanciamento social atingiu as escolas brasileiras, incluindo alunos, professores e profissionais da educação, impossibilitando a frequência presencial às aulas. Com a urgência da paralisação e a partir da nova realidade imposta pela pandemia, escolas públicas e privadas precisaram repensar e modificar suas metodologias de ensino, adaptando-se aos protocolos de cuidados sanitários e adotando atividades remotas como estratégias de ensino (Pereira; Santos; Manenti, 2020). Dessa forma, através do uso das tecnologias, houve um deslocamento das práticas de ensino presencial para as plataformas virtuais, dando continuidade aos estudos por meio do ensino remoto, a fim de manter o ano letivo (Unicef, 2020).

As aulas presenciais foram suspensas nas escolas a partir de março de 2020 e permaneceram em regime remoto na maioria dos estados brasileiros até maio de 2021 (Unesco, 2021). A transição dos estudos presenciais para o ensino remoto gerou um dos principais desafios da educação no período de pandemia, que foi o acesso à rede de internet para discentes e docentes continuarem aprendendo e ensinando, além das diferenças locais e regionais no que se refere às condições de econômicas, de saúde e de trabalho da população. Segundo dados da PNAD (IBGE, 2018), 20,9% dos domicílios brasileiros não possuem acesso à internet, envolvendo cerca de 15 milhões de lares. Em 79,1% das residências que possuem acesso à rede, o equipamento mais utilizado é o celular, sendo que diversas famílias compartilham um único aparelho. A pesquisa *TIC Kids Online Brasil* (Cetic, 2019) mostrou que 11% das crianças e adolescentes de 9 a 17 anos não têm acesso à internet, correspondendo a 3 milhões de pessoas, sendo que 1,4 milhão nunca acessou a rede. Diante dessas questões emergentes,

um fator que surge como ponto de discussão é a precariedade socioeducacional encontrada no Brasil (Peres, 2020).

O trabalho dos professores, reconhecido pela literatura nacional e internacional como precário e passível de desgaste mental (Tostes et al, 2018), sofreu uma precarização ainda maior a partir das mudanças na rotina e nas atividades executadas devido à pandemia de Covid-19. No trabalho remoto, a necessidade de adaptação às ferramentas tecnológicas, a busca ativa dos alunos que não estavam acessando as aulas e as cobranças por resultados, provocaram uma intensificação do trabalho, apresentando indícios de agravamento da sobrecarga de trabalho (Souza et al, 2021). Estas modificações acarretaram sentimentos associados a depressão, caracterizada por vivências de tristeza, angústia, exaustão, cansaço, desesperança, dificuldade de planejar o futuro e preocupação (Giongo; Perez; Ribeiro, 2021). No que tange à divisão sociosexual do trabalho, os efeitos da sobrecarga de trabalho atingiram de forma mais ampla as professoras, como demonstram Lago, Andrade, Ribeiro e Gomes (2022) e Giongo, Barbosa, Perez e Chapadeiro (2026).

Considerando a readequação do calendário escolar, o retorno à presencialidade demandou novamente intensas mudanças no planejamento educacional e na dinâmica das escolas em todo o país. Dentre as transformações podem ser destacadas: a necessidade de trabalho com um número reduzido de alunos em sala; o afastamento de profissionais que se encontravam em grupos de risco, reduzindo o número de professores ativos nas escolas; a organização de regras de distanciamento social; e, a intensificação das ações dos protocolos de higiene e saúde exigidos pelos órgãos sanitários (Peres, 2020). Além das dificuldades relacionadas às questões de ensino-aprendizagem, os professores também enfrentaram outro importante desafio: a aproximação e o acolhimento dos estudantes após o longo período de afastamento do ambiente escolar. Dados apontados pelo IDEB (2021), indicaram que 92% das escolas de educação básica adotaram estratégias de ensino remoto ou híbrido e 72,3% das escolas recorreram à reorganização curricular a fim de priorizar os conteúdos durante a pandemia de Covid-19.

Se a adoção compulsória do ensino remoto elevou a sobrecarga de trabalho e a demanda emocional dos professores, o retorno ao ensino presencial intensificou esse processo, acrescentando não apenas a responsabilidade dos cuidados de biossegurança no ambiente escolar, como também do resgate dos processos de aprendizagem fragilizados ao longo do período pandêmico (Darsie; Furtado, 2022). Dados de uma pesquisa realizada pela Unicef (2022) apontaram que, na retomada da educação presencial, as maiores dificuldades das escolas brasileiras foram a organização do calendário letivo de 2022, as adequações de infraestrutura das instituições públicas municipais para o atendimento dos protocolos sanitários, o acesso dos professores à internet e a disponibilização de formação aos docentes.

Apesar disso, são raras as investigações nacionais acerca das vivências de professores no retorno à presencialidade do ensino e dos impactos deste contexto na saúde mental dos profissionais da educação. Sabe-se que o trabalho ocupa um papel fundamental na análise dos processos de saúde e de adoecimento, já que atua diretamente na construção da subjetividade e da identidade, mediando, constituindo e determinando muitos aspectos das relações sociais e das condições de vida (Merlo et al, 2014). Para auxiliar na compreensão desta relação, a Psicodinâmica do Trabalho busca compreender como os trabalhadores mantêm o equilíbrio psíquico, mesmo estando submetidos a condições de trabalho insustentáveis (Dejours, 2004). Segundo Dejours (2004), o trabalho não está associado apenas a relação salarial ou ao emprego, mas também a uma remuneração social, ao permitir que o trabalhador se sinta pertencente e reconhecido em um grupo, assim, “trabalhar não é tão só produzir: trabalhar é ainda viver junto” (Dejours, 2004, p.30).

Nesta análise, Dejours (1999) entende a saúde mental como um processo, no qual o mais importante são as condições de transformação dos fatores geradores de sofrimento e de construção de um caminho de bem-estar físico, psíquico e social. Além disso, ele estabelece alguns elementos que integram a saúde mental no trabalho e que estão relacionados ao *ambiente material*, no qual se encontram as condições de trabalho (aspectos físicos, químicos e biológicos); ao *ambiente social*, integrado pela organização do trabalho (aspectos da gestão do trabalho, relações socioprofissionais, ritmo, responsabilidades, grau de autonomia); e ao *ambiente afetivo*, composto pelas relações familiares e sociais.

Considerando as problematizações realizadas e as interfaces entre saúde mental e trabalho, este estudo possui o objetivo de analisar as transformações provocadas pela pandemia de Covid-19 no trabalho de professoras que atuam na educação básica no Brasil, além de investigar os agravos na saúde mental das participantes e as dificuldades encontradas no retorno ao ensino presencial. Este artigo apresenta um recorte de uma pesquisa maior intitulada *Vivências, impactos e transformações provocadas pela pandemia do novo coronavírus: um olhar sobre a saúde de trabalhadores e trabalhadoras no Brasil*.

METODOLOGIA

A pesquisa foi construída a partir de uma metodologia mista, caracterizada pelo uso de abordagens qualitativas e quantitativas (Sampieri; Mendoza, 2018). Como instrumento para a coleta de dados foi utilizado um questionário através do qual buscou-se identificar as características da população participante e o levantamento de dados acerca das transformações do contexto de trabalho, das condições laborais, das relações socioprofissionais, do acesso às ferramentas tecnológicas, das principais dificuldades no ensino remoto, das transformações no processo de ensino-aprendizagem, dos agravos de ordem psicossociais e do acesso à rede de apoio pessoal e institucional.

Para aprofundar a análise das vivências de trabalho, foi realizado um grupo focal conforme orientações teóricas de Morgan (1997) e Kitzinger (2000). O grupo foi conduzido com professoras que atuavam na rede de educação básica no estado do Rio Grande do Sul, localizado no sul do Brasil. A condução do encontro foi realizada através de um roteiro semiestruturado, oferecendo espaço para que as participantes expressassem livremente suas vivências, sendo um momento de trocas sobre as experiências e de identificação, apoio e reflexões (Morgan, 1997).

A coleta de dados ocorreu em duas fases: a) a primeira etapa se deu através da aplicação do questionário autoaplicável, na plataforma *Google Forms* em formato online, para a obtenção de dados quantitativos (Flick, 2008). O questionário, elaborado pelos pesquisadores, contemplou questões fechadas e abertas e contou com auxílio de alguns parceiros na divulgação, como sindicatos, escolas e instituições de ensino superior. O formulário foi preenchido pelas participantes no período entre junho e outubro de 2021. No final do questionário as docentes tinham a opção de sinalizar o interesse em participar da próxima etapa da pesquisa, que consistia em um grupo focal. Cabe destacar que 58 participantes da primeira etapa da pesquisa deixaram seus contatos com interesse em participar do grupo focal. Todas foram contatadas, sendo que 15 responderam e 8 tiveram disponibilidade de participar; b) a segunda etapa contou a realização do grupo focal. As professoras participantes receberam um convite através do aplicativo *WhatsApp*, com todas as informações sobre a pesquisa, horário e *link* para acesso à sala do *Google Meet*. O formato *online* foi escolhido para facilitar a participação das professoras, evitando o deslocamento. A etapa qualitativa ocorreu em agosto 2022, momento no qual as professoras estavam vivenciando o retorno à presencialidade.

Participaram da primeira etapa da pesquisa 913 professoras mulheres vinculadas à educação básica de todo território brasileiro, com idade média de 43 anos e a maioria residente no estado do Rio Grande do Sul (63%). Em relação à escolaridade, observou-se predominância de participantes com pós-graduação lato sensu (53,5%), seguidas por ensino superior completo (26,2%), mestrado (15,3%), doutorado (3,0%), ensino superior incompleto (1,6%) e ensino médio completo com magistério (0,5%). No que se refere a raça autodeclarada, 82,9% eram brancas, 10,7% eram pardas, 5,4% eram pretas, 0,8% eram amarelas e 0,2% eram indígenas. Quanto ao vínculo profissional, 61,8% das docentes atuavam apenas em escolas públicas, 20,6% apenas em escolas privadas e 17,6% trabalhavam em escolas públicas e privadas.

Participaram da segunda etapa da pesquisa 8 professoras vinculadas a diferentes escolas da rede de Educação Básica no estado do Rio Grande do Sul. Dentre elas, 6 lecionavam em escolas da rede pública e 2 em escolas privadas.

Salienta-se que a população participante recebeu explicações sobre os procedimentos de coleta de dados, que incluíram a confidência da identidade, assim como a possibilidade de desistência a qualquer momento sem causar prejuízo, a viabilidade de contatar os pesquisadores e a ausência de risco ou danos aos participantes. Àquelas que optaram em participar da pesquisa, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para consentimento.

O estudo está de acordo com as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos (Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016) do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e com as Normas do Conselho Federal de Psicologia (Resolução CFP Nº 016/2000, de 22 de dezembro de 2000). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Feevale (CAAE 50012421.4.0000.5348). Ao longo deste artigo, optou-se por indicar os relatos das participantes utilizando letras do alfabeto: A, B, C, D, E, F, G e H, após suas respectivas falas, visando a preservação da identidade.

Os dados qualitativos foram explorados a partir da análise temática, que consiste em “descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação, cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado” (Minayo, 2014). Para a autora, a delimitação dos temas é composta por três etapas principais: a) pré-análise; b) exploração do material e; c) tratamento e interpretação dos dados (Minayo, 2014). Os dados quantitativos foram analisados mediante estatística descritiva (Gil, 2008). A partir da análise dos resultados foram delimitados 3 eixos temáticos principais: a) Organização e condições do trabalho docente no contexto da pandemia por Covid-19; b) Agravos causados pela pandemia de Covid-19 na saúde mental de professoras da Educação Básica; c) Vivências das professoras no retorno ao ensino presencial.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A) ORGANIZAÇÃO E CONDIÇÕES DO TRABALHO DOCENTE NO CONTEXTO DA PANDEMIA POR COVID-19

No que se refere a organização e as condições de trabalho no contexto da pandemia de Covid-19, alguns aspectos principais foram identificados nos relatos das professoras, como, por exemplo, as mudanças no formato de ensino, a necessidade de busca ativa pelos alunos, bem como a execução de atividades com as quais não estavam habituadas, resultando na sobrecarga de trabalho. Dentre as diversas atividades executadas pelas professoras no ensino remoto estavam a realização de aulas gravadas e ao vivo, a organização de videochamadas, a construção e planejamento de roteiros de aulas, a orientação de estudos, a participação em *lives* e formações, bem como na participação em reuniões com colegas de trabalho,

coordenação e chefias. Também foram relatadas atividades relacionadas à construção de *kits* pedagógicos e registros constantes das atividades realizadas.

A dedicação para compreender o funcionamento das tecnologias utilizadas, assim como o tempo disponibilizado para entender a estrutura do ensino remoto, revelou um aumento na carga horária de trabalho, em função dessa transição de contexto. Além disso, a modificação do trabalho para o espaço doméstico, causou estranhamento e dificuldades diversas, como pode ser observado no seguinte relato: “A carga horária foi muito afetada, pois uma coisa é sair de casa para ir trabalhar, cumprir as horas no local de trabalho. Assim, as oito horas diárias se transformavam em vinte” (Participante F, Escola Pública).

Neste novo contexto, as jornadas de trabalho não apresentaram limites claros, sendo que durante o trabalho remoto, as professoras ficaram expostas a e-mails e mensagens de *WhatsApp* em diversos horários, permanecendo sempre à disposição da coordenação, dos alunos ou de suas famílias (Souza et al, 2022). A partir disso, surgem questionamentos acerca da temporalidade da jornada de trabalho e da ausência de limites entre o tempo dedicado ao trabalho e aquele dedicado aos outros deveres da vida (Morais; Souza; Santos, 2018; Pizzinga, 2020; Souza et al, 2018). Do ponto de vista do ambiente de trabalho, fazer do próprio ambiente doméstico o local profissional, em tempo integral, provocou consequências para a saúde dos profissionais da educação. O celular pessoal passou a ser a principal ferramenta de trabalho, confundindo os limites entre o trabalho e a vida privada e demandando dedicação em período integral na tentativa de suprir todas as demandas (Saraiva et al, 2020).

Problemas econômicos também afetaram as professoras devido à suspensão de benefícios de transporte e alimentação, sendo uma mudança não esperada ou planejada. O corte em alguns benefícios foi justificado pela gestão a partir do entendimento de que as professoras, por estarem em casa, não teriam gastos com deslocamento ou alimentação. No que envolve a organização do trabalho, 91,5% das mulheres participantes informaram que a carga horária de trabalho não foi reduzida, 83,3% enfrentaram alteração nas atividades executadas, 53,2% tiveram redução em seus benefícios como transporte e alimentação e 52,8% não receberam apoio da instituição. Estes dados podem ser mais bem observados na tabela 1:

Tabela 1 - Dados sobre as condições de trabalho das professoras

Atividade	Não		Sim	
	n	%	n	%
A carga horária de trabalho foi reduzida	817	91,5%	76	8,5%
As atividades foram alteradas	150	16,7%	746	83,3%
Os benefícios foram reduzidos (transporte, alimentação)	407	46,8%	462	53,2%
Recebeu apoio da instituição frente às dificuldades	438	52,8%	391	47,2%

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Além disso, no trabalho remoto, as docentes se depararam com a necessidade de pensar em diferentes estratégias para elaborar atividades, projetos e avaliações, sendo todos adaptados para a modalidade remota. Neste contexto, o ensino remoto exigiu a atualização em relação às tecnologias e disposição para pensar em formas de envolver os alunos e suas famílias na

participação das atividades remotas, sendo este um grande desafio para elas, no qual ocorreu “a migração direta do ambiente presencial para o virtual, sem o suporte técnico necessário e sem qualquer planejamento prévio” (Oliveira; Pereira Junior, 2020, p. 733). Uma das maiores dificuldades relatadas pelas participantes do grupo focal foi a necessidade de exposição da imagem através da gravação de vídeos, nos quais as trabalhadoras desenvolviam atividades, como a interpretação de canções, contação de histórias ou a explicação de conteúdos para as crianças e adolescentes.

Como consequência destas demandas laborais, os relatos coletados por meio do grupo focal, demonstram a angústia e os sentimentos de vergonha das professoras ao precisarem se submeter às atividades não apreciadas por elas, tendo que enfrentar a exposição diante dos vídeos: “O que me incomodava é que eu precisava gravar vídeos, sendo que eu não gosto de me expor, então eu tive que procurar outras formas de me reinventar e criar estratégias para o trabalho com as crianças” (Participante D, Escola Privada). Outras participantes acrescentaram:

Precisei gravar vídeos e para mim foi bem difícil, pois eu tenho dificuldade com os recursos tecnológicos e de me expor [...]. Às vezes eu queria gravar e tinha gente passando, precisava orientar minha família a não “atrapalhar” minhas gravações, além de ter que dar atenção para minhas filhas e não conseguir, era bem difícil (Participante F, Escola Pública).

Lembrei dos sentimentos de angústia que eu sentia quando gravava vídeos, pois eu precisava dar quarenta minutos de aula para uma turma. Foi um desafio conseguir manter o foco deles durante todo esse tempo. Isso exigia que eu criasse muitas coisas diferentes para que eles fizessem em casa, era muito difícil (Participante E, Escola Privada).

A exposição nos vídeos, antes executada apenas diante dos estudantes, no ensino remoto passou a ser exposta também para as famílias, sendo exigido um grande cuidado na elaboração destes materiais, bem como com as expressões utilizadas e com o conteúdo apresentado (Danelon; Da Silva, 2020).

Além disso, identificou-se certa imposição de algumas tarefas por parte da gestão, que não considerou quais atividades as professoras estariam dispostas a realizar e que fossem acessíveis aos estudantes. Ainda que no ensino remoto o uso de vídeos e plataformas digitais sejam ferramentas que facilitem o contato e a interação, é importante considerar que algumas pessoas não apresentam facilidade para lidar com os meios, nem apreciam a exposição. Além disso, não foram identificadas tentativas de apoio ou instrução sobre o uso das novas ferramentas, ou de ideias sobre outras formas de trabalhar com os alunos no formato remoto.

As participantes também declararam que foi necessário lidar com a falta de recursos para o planejamento das aulas, sendo que muitas não tinham dispositivos adequados, nem mesmo dispunham de acesso à internet que suportasse a demanda de trabalho: “Vivenciei a falta de acesso à internet das famílias ou internet muito ruim, caindo a todo momento” (Participante A, Escola Pública, Escola Pública, Escola Pública). A relação com os colegas de trabalho também foi atingida e a força operacional passou a ser um ponto de preocupação e de conflito entre o grupo de profissionais:

Tive desentendimentos com colegas que não faziam o mínimo esforço para auxiliar. Teve um povo que recebeu o salário sem de fato fazer jus a ele [...]. As dificuldades vieram da má gestão da equipe diretiva, pois sobrecarregavam uns e mal cobravam de outros (Participante A, Escola Pública).

Outra dificuldade apresentada pelas professoras foi em relação à busca ativa pelos estudantes, o que gerou sentimentos de frustração e uma preocupação com a qualidade do ensino. Na coleta de dados, foi possível constatar que 54,9% das professoras participantes encontraram muita dificuldade na comunicação com os alunos e 49,2% delas encontraram muita dificuldade na organização de uma agenda das atividades no espaço de casa. Estes dados podem ser mais bem observados na tabela 2:

Tabela 2 - Dados sobre as dificuldades percebidas pelas professoras

Atividade	Muita dificuldade		Pouca dificuldade		Sem dificuldade	
	n	%	n	%	n	%
Comunicação com os alunos	498	54,9%	333	36,7%	76	8,4%
Planejamento e execução das atividades a distância	305	33,7%	475	52,4%	126	13,9%
Organização de uma agenda de atividades no espaço de casa	443	49,2%	359	39,9%	98	10,9%

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Além disso, foi necessário fazer o acompanhamento e registros das atividades remotas, sendo necessário manter contato com as famílias como uma tentativa de manter o aluno conectado à escola. Quanto às mudanças geradas pelo ensino remoto, 69,1% das professoras assinalaram como uma das principais mudanças o vínculo, a aprendizagem, a interação e o processo avaliativo: “Senti angústia e preocupação com as crianças que estavam em fase de alfabetização” (Participante A, Escola Pública); “Encontrei dificuldades na participação e adesão das famílias e na participação na devolutiva das propostas” (Participante B, Escola Pública, Escola Pública); “Foi frustrante quando eles não enviavam as atividades, porque parecia que a gente estava trabalhando para nada, todas as ideias que tínhamos não eram valorizadas pelas famílias” (Participante H, Escola Pública). Outras participantes complementaram:

Fiz o que pude e me frustrei pelo que não consegui fazer. Enviar atividades para as turmas e não ter o *feedback* dos alunos foi frustrante. Eles não conseguiam dar conta das atividades. Por vezes éramos obrigados a mandar folhas e mais folhas por semana sabendo que os alunos estavam totalmente atrapalhados e perdidos no emaranhado de atividades. Muito para parecer que estava ocorrendo aulas, mas aprendizagem quase nula. Provocamos estafa nas crianças (Participante C, Escola Pública).

Foi difícil buscar as famílias, ter que estar chamando para que eles participassem, pois éramos cobradas para que as famílias dessem retorno e às vezes eles nem queriam saber da gente. Essas coisas me deixavam bem agoniada e frustrada (Participante F, Escola Pública).

Outro aspecto emergente neste estudo foram as questões relacionadas à desigualdade de gênero. Historicamente a docência assume um caráter eminentemente feminino, especialmente na Educação Básica, onde é grande a presença de mulheres no exercício da profissão. Este fenômeno de construção social se relaciona com a sobrecarga de trabalho, pois no caso das mulheres, o isolamento social demandou atividades combinadas de trabalho, cuidado com a família e atividades domésticas no mesmo espaço físico (Lago et al, 2022).

Dentre as professoras participantes da pesquisa 93,4% informaram ter trabalhado mais no período de pandemia de Covid-19, 86% realizaram mais horas extras, 57,9% revelaram ter realizado mais atividades domésticas, 59,8% passaram a cumprir mais metas e prazos e 80,1% interagiram menos com colegas de trabalho, conforme mostra a tabela abaixo:

Tabela 3 - Dados sobre as atividades desenvolvidas pelas professoras durante a pandemia

Atividade	Menos		Igual		Mais	
	N	%	n	%	n	%
Trabalhou	17	1,9%	43	4,7%	849	93,4%
Realizou horas extras	54	6,2%	67	7,7%	746	86%
Realizou atividades domésticas	120	13,3%	261	28,8%	524	57,9%
Cumpriu metas e prazos	108	12%	255	28,2%	540	59,8%
Interagiu com colegas	726	80,1%	99	10,9%	81	8,9%
Fez intervalos	675	77,3%	131	15%	67	7,7%

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Neste contexto, a sobrecarga de trabalho pode ser compreendida como o resultado de um acúmulo de tarefas que as professoras precisaram desenvolver diante do ensino remoto, sendo necessário dispor de mais tempo para a adaptação às novas atividades. Além disso, claramente o envolvimento com os estudantes e suas famílias provocou situações de invasão da privacidade. Estes elementos geraram diferentes vivências e sentimentos relacionados ao trabalho, além de agravos à saúde mental das professoras, os quais serão discutidos na categoria seguinte.

Apesar de não ter sido objetivo deste estudo comparar as vivências das professoras vinculadas às escolas públicas e privadas, no decorrer das análises percebeu-se que embora as docentes de ambas as redes compartilhem vivências de intensificação do trabalho e exaustão, na rede pública os relatos enfatizam dificuldades associadas à desigualdade social, especialmente no que se refere ao acesso à internet, à baixa participação das famílias e à defasagem da aprendizagem. Já na rede privada, as falas apontam maior incidência de exigências relacionadas à organização do trabalho, como a necessidade de gravação de aulas, exposição da imagem e manutenção do engajamento dos estudantes, configurando um cenário de intensificação produtiva e maior controle do trabalho docente.

B) AGRAVOS CAUSADOS PELA PANDEMIA DE COVID-19 NA SAÚDE MENTAL DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

No que se refere aos agravos na saúde mental das professoras foram relatados o aumento do estresse, sentimentos de ansiedade, de cansaço, de medo, de preocupação, bem como episódios de crises de pânico relacionadas às mudanças e demandas que surgiram ao assumirem o trabalho remoto. Estes dados corroboram estudos anteriores que identificaram nos professores sentimentos de frustração ao terem seu trabalho modificado, ao perderem o vínculo com os estudantes e ao vivenciarem a falta de reconhecimento (Giongo; Perez; Ribeiro, 2021).

Com a nova realidade do ensino remoto, as professoras, além de terem um aumento nas demandas relacionadas ao trabalho, também passaram a sentir uma preocupação maior com relação a qualidade do ensino e também com a realidade dos alunos que não tinham acesso aos recursos adequados para acompanharem as atividades propostas. Com o excesso de preocupação e a vontade de fornecer ajuda aos estudantes, as professoras deixaram de priorizar o cuidado consigo mesmas. Algumas professoras compartilharam relatos sobre sua preocupação com as crianças e suas famílias, especialmente aquelas que trabalhavam em escolas públicas:

Trabalhei o triplo, tive estresse e preocupações com famílias que ou não tinham internet para os atendimentos ou não tinham cumprimento das atividades [...]. Só me preocupei com as crianças, esqueci de mim. Passei a fazer uso de medicação (Participante A, Escola Pública).

O trabalho durante a pandemia foi muito desgastante, pois entramos em um mundo virtual e precisamos adaptar tudo para crianças pequenas. Foi desafiador, pois cada família atendia aos professores em horários diferenciados e isso acabou gerando horários de trabalho descompensados, tornando exaustivo. O cuidado comigo mesma foi algo deixado de lado, devido à exaustão (Participante B, Escola Pública, Escola Pública).

No que se refere aos impactos emocionais gerados pela pandemia de Covid-19, 90,1% das professoras participantes informaram se sentir mais cansadas durante a pandemia, 74,7% sentiram-se mais tristes, 86,5% mais preocupadas, 79,7% com mais medo e 87,7% mais ansiosas, conforme mostra a tabela 4:

Tabela 4 - Impactos gerados pela pandemia

Durante a pandemia você esteve:	Menos		Igual		Mais	
	N	%	n	%	n	%
Sentindo-se cansada	24	2,6%	66	7,3%	817	90,1%
Sentindo-se triste	51	6,0%	163	19,3%	632	74,7%
Sentindo-se preocupada	28	3,1%	94	10,4%	781	86,5%
Sentindo-se com medo	39	4,5%	138	15,9%	693	79,7%
Sentindo-se ansiosa	29	3,3%	80	9,0%	780	87,7%
Recebendo apoio das pessoas	428	48,7%	372	42,4%	78	8,9%
Com dificuldades para planejar o futuro	61	7,3%	160	19,0%	620	73,7%

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Diante das inúmeras mudanças e transformações que o contexto educacional sofreu, o surgimento e o agravamento da ansiedade e de outras vivências apresentadas na tabela 4, parecem guardar relação com o acúmulo de tarefas, além do aumento de preocupações com a própria capacidade de conseguir desempenhar todas as demandas impostas às professoras. Estes aspectos foram observados nas falas das participantes: “Foi durante a pandemia que eu tive uma crise de pânico, comecei a sentir um formigamento no corpo. Isso tudo me chamou muita atenção, pois foi muita ansiedade que senti, como nunca havia sentido antes” (Participante D, Escola Privada).

Na pandemia as crises de ansiedade se agravaram e acabei desenvolvendo TOC, não conseguia deixar nada fora do lugar e tive alguns dias que eu não conseguia trabalhar. Isso foi se agravando cada dia mais, até que eu precisei de tratamento e até hoje as crises acontecem (Participante E, Escola Privada).

Sentir ansiedade foi algo que me apavorou, parece que aquele sentimento nunca vai passar [...]. E pensar que isso surgiu a partir de questões vivenciadas na escola, um lugar que eu amo estar. Foi quando percebi que eu estava sobrecarregada com algo que antes nunca me afetou (Participante G, Escola Pública).

A docência é reconhecida como uma das profissões que mais causa estresse, dado que está relacionado com a precarização das condições de trabalho, acúmulo de tarefas e desvalorização da carreira (Biolim et al, 2019). No contexto da pandemia estes aspectos foram agravados pela falta de apoio e de reconhecimento. Como consequência, muitas participantes da pesquisa passaram a questionar sua escolha profissional, demonstrando desânimo com a falta de incentivo e também com a falta de investimento na educação, que impactaram diretamente na qualidade do ensino:

Frustração foi meu maior sentimento e uma vontade crescente de não mais voltar para a sala de aula. Queria ficar em casa como que protegida para todo sempre. Tive o desejo de deixar a educação, frustração pela falta de incentivo e precarização que está ocorrendo na nossa área, e uma total desesperança no futuro quanto à educação, à qualidade do ensino, ao preparo dos jovens. Frustração e desesperança são sentimentos que imperam quando penso no hoje e no futuro (Participante C, Escola Pública).

O trabalho, visto como centro do mundo social, possui relevante importância nas relações indivíduo-sociedade, atribuindo função psíquica e atuando como um alicerce da constituição do sujeito e de sua rede de significados. Processos como o reconhecimento e a gratificação, estão relacionados à construção da identidade e da subjetividade (Lancman; Ghirardi, 2002), já a ausência do reconhecimento e a fragilização dos coletivos de trabalho podem intensificar as vivências de sofrimento e adoecimento no trabalho (Dejours, 2004). Gonçalves e Guimarães (2020) analisaram os sentimentos de professores em relação ao trabalho desenvolvido no período da pandemia e identificaram o 'medo e a insegurança', a 'angústia' e a 'apreensão' como os mais citados. Para os autores, estas vivências projetam um futuro de incertezas e instabilidade que estabelecem associação com o estresse (Gonçalves; Guimarães, 2020, p. 776).

C) VIVÊNCIAS DAS PROFESSORAS NO RETORNO AO ENSINO PRESENCIAL

Através das discussões realizadas no grupo focal, as professoras lembraram de como ficaram felizes com a notícia do retorno às atividades presenciais, seguido da esperança de uma "volta à realidade", como pode ser observado na fala: "Quando foi decidido sobre o retorno presencial eu fiquei bem feliz, por não aguentar mais estar em casa, não aguentava mais fazer as reuniões online" (Participante H, Escola Pública).

No entanto, ao vivenciarem os protocolos de segurança, na prática do cotidiano escolar, as participantes perceberam algumas dificuldades. Conforme relatado, o retorno não aconteceu como planejado, sendo que muitos protocolos não poderiam ser cumpridos devido à falta de recursos e de espaço físico adequado. Considerando a escola como um ambiente fundamental para as socializações e interações, surgiram novas preocupações com o uso de máscaras, as dificuldades em manter o distanciamento necessário entre as crianças, além do medo de contrair a doença, afetando a própria saúde. Algumas professoras comentaram: "O retorno foi um tanto desorganizado, acredito que por ser algo novo e diferente, com muitos protocolos, os quais na Educação Infantil por vezes é impossível cumprir" (Participante B, Escola Pública, Escola Pública); "O retorno às aulas presenciais foi bem conflitante e não foi bem pensado. Estava tudo bonitinho no papel, mas, na prática, deixou muito a desejar" (Participante A, Escola Pública); "Surgiram preocupações relacionadas à saúde, uma preocupação bem grande em pegar o Covid e transmitir para minha família" (Participante H, Escola Pública); "Senti falta de paz! Queria passar por tudo aquilo me sentindo protegida pelo Estado e pela União. Uma vez única e responsável, era disso que precisávamos e em nenhum momento tivemos" (Participante C, Escola Pública).

Outro fator de preocupação entre as professoras esteve relacionado à evasão escolar por parte dos estudantes, além dos problemas de aprendizagem enfrentados pelos alunos durante a pandemia, ocasionando atrasos no desenvolvimento e entendimento de conteúdos necessários na formação dos discentes. Este aspecto foi relatado por uma professora: "Sabia que quando voltássemos a defasagem de aprendizagem que já era enorme, agora seria imensa e com chance de recuperação apenas daqui a muitos anos" (Participante C, Escola Pública). Conforme dados da Unicef (2022b) a evasão escolar no Brasil, que já atingia 5 milhões de alunos, sofreu um aumento de 5% no ensino fundamental e 10% no ensino médio durante a pandemia por Covid-19. Além da evasão escolar, as professoras perceberam um aumento nas demandas de saúde mental por parte dos alunos, fator que influencia diretamente o processo de aprendizagem e exige maior atenção e cuidado por parte das docentes.

Outra percepção relatada pelas entrevistadas é que o ambiente escolar deixou de oferecer vivências de prazer como no período anterior à pandemia de Covid-19. O retorno também foi

marcado pela falta de apoio das instituições nas quais as professoras atuavam. Dentre os diversos protocolos criados, as professoras sentiram a falta do acolhimento e da escuta, sendo que as questões emocionais não foram consideradas no retorno. Não houve espaço para que falassem sobre os sentimentos e as dores provenientes das vivências no ensino remoto. Ao contrário disso, mais tarefas e cobranças foram impostas, como comenta uma participante: “Passei a lidar com o sentimento de abandono, desvalorização do meu trabalho e da educação no geral” (Participante A, Escola Pública).

O acolhimento psicossocial deveria ter sido considerado uma ação prioritária para auxiliar as docentes no retorno do ensino presencial, fortalecendo sua saúde mental, afinal, elas também precisaram oferecer acolhimento e apoio aos alunos. Para isso, é importante lembrar que o trabalho docente não se relaciona apenas à sala de aula e ao ensino, mas também envolve o carinho, a escuta, atenção e o cuidado, entre outras atividades, que estão ligadas à educação (Oliveira, 2004).

Para que o reconhecimento seja de fato concedido e apreendido pelas professoras, o espaço para o acolhimento deve se fazer presente no cotidiano escolar (Merlo; Mendes, 2009). A partir do que foi exposto pelas participantes, observa-se que o retorno ao ensino presencial não foi construído de forma que contemplasse as demandas das profissionais da educação básica, negligenciando o debate ampliado e coletivo, além da oferta de espaços para que as professoras pudessem compartilhar suas vivências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar e descrever as transformações provocadas pela pandemia de Covid-19 no trabalho de professoras que atuam na educação básica no Brasil, além de investigar os agravos na saúde mental das participantes e as dificuldades encontradas no retorno ao ensino presencial. Os resultados apontaram que se intensificou a precarização da organização e das condições do trabalho das educadoras, ampliando um processo já conhecido de fragilidades na área da educação provenientes da falta de investimento e reconhecimento no trabalho.

A intensificação da precarização das condições e dos processos de trabalho no contexto educacional observados durante o período da pandemia e no retorno ao ensino presencial se expressaram por meio dos relatos das professoras que apresentaram claros sinais de desgaste mental ao exporem sentimentos e vivências caracterizadas pela: “frustração”; “ansiedade”; “cansaço”; “tristeza”; “exaustão”; “desesperança”; “dificuldade de planejar o futuro”; e, “preocupação”. Além disso, destacaram-se os depoimentos sobre a frustração com a profissão, a falta de reconhecimento, bem como a falta de acolhimento no ambiente de ensino. Importante destacar que o sofrimento na rede pública se vinculou predominantemente às limitações estruturais do ensino, enquanto na rede privada esteve mais associado às demandas organizacionais e à pressão por desempenho.

Diante do exposto, espera-se que as reflexões tecidas possam contribuir para a construção de um olhar crítico para as condições do trabalho docente, de modo que seja possível a modificação de um cenário ora marcado pela desvalorização, para um cenário de vigilância e promoção da saúde mental dos professores e professoras. Soluções relacionadas ao suporte psicossocial e fortalecimento dos espaços de fala e de escuta se fazem imprescindíveis, além do maior investimento e implementação de políticas públicas para a promoção da saúde mental e a proteção dos direitos relacionados ao trabalho.

Sugere-se que novos estudos sejam desenvolvidos e que investiguem as ações em saúde mental no trabalho realizadas nas escolas de Educação Básica após o retorno ao ensino

presencial, que comparem as vivências de professoras e professores da rede de ensino pública e privada e que aprofundem a análise acerca das desigualdades de gênero e étnicas raciais no contexto educacional brasileiro. Finalmente cabe salientar que este estudo teve como limitação a coleta de dados qualitativa em apenas uma região do Brasil, a realização do grupo focal em formato online e a efetivação de apenas um encontro grupal. Entende-se que os encontros presenciais poderiam potencializar as trocas entre as participantes, aprofundando a interação entre as professoras e fortalecendo os coletivos de trabalho.

REFERÊNCIAS

- BIROLIM, Marcela Maria et al. Trabalho de alta exigência entre professores: associações com fatores ocupacionais conforme o apoio social. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 4, p. 1255-1264, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/57hTLfPMCFkGng44XjtYjn/?lang=pt>. Acesso em: 11 jan. 2023.
- BRIDI, Maria Aparecida et al. O trabalho remoto/home-office no contexto da pandemia COVID-19. **Curitiba: Universidade Federal do Paraná, Grupo de Estudos Trabalho e Sociedade**, 2020. Disponível em: https://www.eco.unicamp.br/remir/images/Artigos_2020/ARTIGO_REMIR.pdf. Acesso em: 16 nov. 2022.
- CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO (CETIC.br). TIC Kids Online Brasil. Disponível em: <https://cetic.br/pesquisa/kids-online/>. Acesso em: 17 mar. 2022.
- DARSIE, Camilo; FURTADO, Roberval Angelo. Covid-19 e educação básica: reflexões sobre riscos e controle espacial no retorno às aulas presenciais. **Roteiro**, v. 47, n. 1, p. 1-20, 2022. DOI: <https://doi.org/10.18593/r.v47.25047>
- DANELON, Márcio; DA SILVA, Mauro Sérgio Santos. O olhar da medusa: a objetivação do trabalho docente no movimento escola sem partido. **Revista da FAEEBA-Educação e Contemporaneidade**, v. 29, n. 58, p. 233-249, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.2020.v29.n58.p233-249>. Acesso em: 06 jan. 2023.
- DEJOURS, Christophe. **Conferências brasileiras: identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho**. São Paulo: FGV, 1999.
- DEJOURS, Christophe. Subjetividade, trabalho e ação. **Revista Produção**, v. 14, n. 3, p. 27-34, 2004.
- FLICK, Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- GIACOMELLO, Liesge Beatriz Alves et al. Teletrabalho na pandemia de COVID-19: impactos na saúde mental de trabalhadores. **Trabalho (En) Cena**, v. 7, p. e022029, 2022. DOI: <https://doi.org/10.20873/2526-1487e022029>
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GIONGO, Carmem Regina; PEREZ, Karine Vanessa; RIBEIRO, Bruno Chapadeiro. Eu estou me sentindo esgotada: o trabalho de professoras e professores na pandemia COVID-19. **Revista Gestão & Saúde**, v. 12, n. 2, p. 144-160, 2021. DOI: <https://doi.org/10.26512/g.s.v12i02.38766>
- GIONGO, Carmem Regina; BARBOSA, Marcus Levi Lopes; PEREZ, Karine Vanessa; CHAPADEIRO RIBEIRO, Bruno. Saúde Mental e Trabalho na Pandemia de COVID-19: Estudo Comparativo entre Professores e Professoras Brasileiras. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 26, 2026. DOI: 10.12957/epp.2026.86670. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/86670>. Acesso em: 27 abr. 2026.
- GONÇALVES, Gustavo Bruno Bicalho; GUIMARÃES, Jane Mary de Medeiros. Aulas remotas, escolas vazias e a carga de trabalho docente. **Retratos da Escola**, v. 14, n. 30, p. 772-786, 2020. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde>
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: PNAD Contínua 2018**. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101705_informativo.pdf. Acesso em: 13 maio 2022.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) 2021: nota informativa**. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_basica/portal_ideb/planilhas_para_download/2021/nota_informativa_ideb_2021.pdf. Acesso em: 13 maio 2022.

KITZINGER, Jenny. Focus groups with users and providers of health care. In: POPE, Catherine; MAYS, Nicholas (org.). **Qualitative research in health care**. 2. ed. London: BMJ Books, 2000. p. 20-29.

DO LAGO, Michelle Fonseca et al. A saúde mental de mulheres frente à conciliação maternidade e carreira em tempo de pandemia da Covid-19: um estudo de caso com profissionais de saúde. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 10, p. e325111032886, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i10.32886>

LANCMAN, Selma. O mundo do trabalho e a psicodinâmica do trabalho. In: LANCMAN, Selma; SZNELWAR, Laerte Idal (org.). **Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Brasília: Paralelo 15, 2008. p. 25-36.

LANCMAN, Selma; GHIRARDI, Maria Isabel Garcez. Pensando novas práticas em terapia ocupacional, saúde e trabalho. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 13, n. 2, p. 44-50, 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/13895/15713>. Acesso em 15 nov. 2022.

MERLO, Alvaro Roberto C.; BOTTEGA, Carla G.; PEREZ, Karine Vanessa. Atenção ao sofrimento e ao adoecimento psíquico do trabalhador e da trabalhadora: cartilha para profissionais do Sistema Único de Saúde-SUS. **Porto Alegre: Evangraf**, 2014.

MERLO, Álvaro Roberto Crespo; MENDES, Ana Magnólia Bezerra. Perspectivas do uso da psicodinâmica do trabalho no Brasil: teoria, pesquisa e ação. **Cadernos de Psicologia Social do trabalho**, v. 12, n. 2, p. 141-156, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172009000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 15 nov. 2022.

MORAIS, Luiz Armando; SOUZA, Katia Reis; SANTOS, Gideon Borges. Intensificação e precarização social do trabalho de professores de escola pública: um estudo exploratório na região da Baixada Fluminense (RJ). **Revista Trabalho Necessário**, v. 16, n. 29, p. 218-236, 2018. DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.16i29.p4641>

MORGAN, David L. **Focus groups as qualitative research**. 2. ed. Thousand Oaks: Sage, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. **Educação & Sociedade**, v. 25, n. 89, p. 1127-1144, 2004.

OLIVEIRA, Dalila Andrade; PEREIRA JUNIOR, Edmilson Antonio. Trabalho docente em tempos de pandemia: mais um retrato da desigualdade educacional brasileira. **Retratos da Escola**, v. 14, n. 30, p. 719-734, 2020. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde>. Acesso em: 5 nov. 2022.

PEREIRA, Hortência Pessoa; SANTOS, Fábio Viana; MANENTI, Mariana Aguiar. Saúde mental de docentes em tempos de pandemia: os impactos das atividades remotas. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 3, n. 9, p. 26-32, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.5281/zenodo.3986851>

PERES, Maria Regina. Novos desafios da gestão escolar e de sala de aula em tempos de pandemia. **Revista de Administração Educacional**, v. 11, n. 1, p. 20-31, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.51359/2359-1382.2020.246089>. Acesso em 17 out. 2022.

HERNÁNDEZ SAMPIERI, Roberto; MENDOZA, Christian Paulina. **Metodología de la investigación: las rutas cuantitativas, cualitativas y mixta**. 1. ed. México: McGraw-Hill, 2018.

SARAIVA, Karla; TRAVERSINI, Clarice Salet; LOCKMANN, Kamila. A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente. **Práxis educativa. Ponta Grossa, PR. Vol. 15 (2020), e2016289, p. 1-24**, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.15.16289.094>. Acesso em 05 nov. 2022.

SOUZA, Diego de Oliveira. As dimensões da precarização do trabalho em face da pandemia de Covid-19. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00311>. Acesso em 06 jan. 2023.

SOUZA, Katia Reis de et al. Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00309>. Acesso em 05 nov. 2022.

SOUZA, Katia Reis de et al. Diários de professores (as) na pandemia: registros em cadernetas digitais de trabalho e saúde. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 26, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/interface.210318>. Acesso em: 06 nov. 2022.

TOSTES, Maiza Vaz et al. Sofrimento mental de professores do ensino público. **Saúde em Debate**, v. 42, p. 87-99, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-1104201811607>. Acesso em 20 maio 2022.

UNESCO. **Situação da educação no Brasil** (por região/estado - nov. 2021). Brasília, 25 de novembro de 2021. Disponível em: <https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasil/covid-19-education-Brasil>. Acesso em 20 maio 2022.

UNICEF. Dois milhões de crianças e adolescentes de 11 a 19 anos não estão frequentando a escola no Brasil, alerta UNICEF. São Paulo, 15 de setembro de 2022a. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/dois-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-de-11-a-19-anos-nao-estao-frequentando-a-escola-no-brasil>. Acesso em 20 nov. 2022.

UNICEF. **Aulas presenciais voltaram na grande maioria das escolas municipais e redes começam a investir na recuperação da aprendizagem, revela pesquisa**. São Paulo, 5 abr. 2022b. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/aulas-presenciais-voltaram-na-grande-maioria-das-escolas-municipais-e-redes-comecam-a-investir-na-recuperacao-da-aprendizagem>. Acesso em: 20 nov. 2022.

Nota: Agradecemos às pesquisadoras Karine Vanessa Perez e Ariana Celis Alcantara, aos pesquisadores Bruno Chapadeiro, Paulo Wunsch e Gregório Grisa, ao NUPSITRA (Núcleo de Pesquisa em Saúde, Trabalho e Processos de Subjetivação da Universidade Feevale) bem como às instituições parceiras, pelo apoio, colaboração e compromisso na realização desta pesquisa.

Data da submissão: 13/01/2023

Data da aprovação: 16/04/2026